

FRAGMENTOS DE UM DISCURSO PÓS-HISTÓRICO (SEGUNDO O PENSAMENTO DE VILÉM FLUSSER)

Dr. Fábio Fernandes

Professor permanente do TIDD (Programa de estudos pós-graduados, mestrado e doutorado stricto sensu, em Tecnologias da Inteligência e Design Digital) da PUC-SP

Em *O Mundo Codificado*, Vilém Flusser nos apresenta os exemplos das fábricas de cerâmica e das oficinas de sapateiros do século XIV do norte da Itália como exemplos do que os historiadores deveriam analisar para obter uma compreensão maior da vida, pensamentos e atos respectivamente do homem neolítico e do homem do Renascimento. Nas palavras de Flusser, “podem-se reconhecer os homens por suas fábricas”. O homo sapiens é acima de tudo *homo faber*, o homem que fabrica.

Podemos extrapolar o pensamento de Flusser, portanto, e afirmar que as pedreiras do Neolítico (anteriores às fábricas de cerâmica, mas elas próprias fábricas de pontas de lanças, segundo estudos de paleontólogos) e as oficinas de sapateiro renascentistas são reconhecidas em seus aspectos formais, ao passo que as fábricas de apps para *tablets* ou *smartphones* hoje só podem ser reconhecidas pelo produto final.

Isso nos levará inexoravelmente à pergunta: seremos nós capazes de reconhecer a fábrica do futuro?

Podemos ir mais além e nos propor a seguinte pergunta/provação: existirá uma fábrica do futuro? Ou todos nós seremos criadores de apps, simultaneamente mestres e aprendizes de corporações de ofício de uma pessoa só, blocos-do-eu-sozinho cuja produção e consumo cabem em si mesmas?

Portanto, ainda será necessário falarmos de fábrica no futuro quando as etapas da fabricação segundo Flusser (apoderar-se de algo dado na natureza, convertê-lo em algo manufaturado, dar-lhe uma aplicabilidade e utilizá-lo) puderem ser contidas em uma única máquina do tamanho de um notebook, ou mesmo de um *tablet*, ou ainda de um *smartphone*?

Quem reconhecerá essa microfábrica do futuro, essa nanofábrica, digamos, num futuro ainda mais distante, a menos que tenha sua chave de acesso, seu código?

Um paleontólogo de hoje reconhece na forma do corte das lascas de pedra do fundo de uma pedreira do interior do Reino Unido uma fábrica primordial de pontas de lanças. Um historiador da Renascença reconhece numa forma de sapato ou num martelo de formato mais tosco as ferramentas de um sapateiro do fim da Idade Média. Mas sem a eletricidade e sem uma máquina de leitura compatível (ou um emulador), como um etnógrafo/antropólogo/pesquisador das mídias do futuro distante lerá nossas máquinas?

O historiador do futuro terá diante de si o desafio de decifrar um duplo registro: a máquina como objeto (*hardware*, algo que provavelmente será de fácil reconhecimento em seus aspectos formais) e seu conteúdo (*o software*, algo que se aproximararia do pós-histórico segundo a lógica flusseriana, por ter uma linguagem numérica, ou seja, o código de programação, e a sua contrapartida visual, a transposição dos dados numéricos em imagens, algo que prescinde do texto).

Não somos já nós os primeiros fabricantes do futuro, com todas as acepções que esse termo carrega (trabalhadores em nossas próprias fábricas e também aqueles que ajudam a fabricar um futuro através dos dispositivos sociotécnicos)? E não é isto bom e liberador?

